

O CONGADO EM CAMBUQUIRA: DEVOCIONAIS DE MÚSICAS E DANÇAS

Rejany Carvalho Lemes¹

Mestre em Letras - Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR

Neste trabalho abordei de forma histórica e memorialística a festa de congado do município de Cambuquira, tendo como objeto de estudo os ternos² de congado da cidade que estão atualmente em atividade: 1) Terno de Congado de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário; 2) Terno de Congado Irmandade de Nossa Senhora do Rosário; 3) Terno de Congado Mirim Nossa Senhora do Rosário. A presente pesquisa baseou-se na coleta de informações junto aos congadeiros e no estudo da história do congado em geral (no Brasil) e em particular (no município de Cambuquira, em Minas Gerais). O que possibilitou tecer, assim, um quadro de uma parte da história da cultura popular brasileira e cambuquirense.

A cultura popular tem um caráter relevante que a torna portadora de uma lógica específica - e é através dessa lógica que se revelam os conceitos e os valores do homem que possui o saber popular: “O saber do povo é parte da sociedade, indica caminhos alternativos para sua interpretação e organização: aprender sobre a cultura popular é desvendar por meio de discurso social a imagem única e múltipla do homem.” (GOMES; PEREIRA, 1992, p. 194). É na cultura do povo que se encontram as contradições da sociedade e do imaginário humano. Na sociedade, o homem se situa e estabelece relações consigo mesmo e com o outro; quanto ao imaginário, é nele que se estreita o relacionamento entre o ser humano e as potências de dimensões sobrenaturais. Sociedade e imaginário se unem para dar margens às interpretações da cultura popular.

O perfil social da cultura popular se expressa na religiosidade e nas construções simbólicas (narrativas, festas, danças, vocabulários...). Cada um desses elementos é uma face, uma identidade do homem. Percebe-se, no congado, um vínculo com o sagrado: a religiosidade tem papel importante, contrapondo-se e somando-se às cerimônias da religião oficial.

O congado é um folguedo brasileiro, um ritual que inclui danças, cantos, levantamento de mastros, coroações do rei do congo e cortejo à embaixada – elementos que fazem parte da festa do Rosário, realizada em outubro, na qual se inclui o congado.

Já nos inícios da história do Brasil como colônia portuguesa, observamos que o encontro das culturas indígena, europeia e africana promoveu uma diversidade de festas, grande parte baseadas no calendário religioso católico que, algumas vezes, coincide com o atual calendário civil. O congado, que a maior parte dos autores dizem ser de origem africana, é uma dessas festas. Ele mescla rituais de origem africana (principalmente de Angola e do Congo) e santos católicos (Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia³ São Elesbão, Nossa Senhora Aparecida, São Gonçalo).

¹ E-mail: rejanylemes@yahoo.com.br

² Ternos, grupos, guardas ou companhias de congo que seguem organizados e presentes nas festas de seus santos devocionais.

³ Encontramos também a grafia Ifigênia.

Este sincretismo vem sendo estudado na bibliografia crítica sobre o congado, sugerindo um questionamento no sentido da permanência do místico. Este sincretismo, que liga música, dança e fé, é complexo e rico e faz com que cada congado tenha suas particularidades. Além disso, como fenômeno de cultura oral, a história do congado nem sempre é facilmente retrçada, o que provoca leituras e hipóteses diferentes nos vários estudiosos que se debruçaram sobre esta festa.

Para Alceu Maynard Araújo, por exemplo, a congada não teria origem africana, mas sim europeia: “Congada, Congado ou Congo de uma região para outra seu nome pode variar, mas o *subtractum* dela é sempre a luta entre cristãos e mouros” (ARAÚJO, 1967, p. 216).

Outros autores, como Mário de Andrade (1959), Rossini Tavares de Lima (1962), Carlos Rodrigues Brandão (1978), Alfredo João Rabaçal (1976), José Ramos Tinhorão (2008), sustentam que os africanos escravos trazidos pelos europeus ao Brasil teriam incorporado às tradições de Angola e do Congo, danças e traços culturais adquiridos no contato com os europeus, mesclando-as com a cultura local. Tais tradições serviram de elo entre negros e brancos.

Um dos primeiros estudos consistentes sobre o congado foi feito por Mário de Andrade, que contribuiu amplamente para as pesquisas sobre o folclore brasileiro, realizando inúmeros trabalhos referentes à cultura popular brasileira, influenciando folcloristas posteriores sobre o tema. Em seu estudo sobre as danças dramáticas, Mário destaca o congado e reconstitui sua história servindo-se dos escritos de viajantes e jesuítas para identificar a origem dessa forma de expressão popular.

Sobre a distinção entre congos e congadas, Mário de Andrade explica: “o próprio nome, Congada, é como quem diz rapaziada, gentarada conguesa. [...] outras provas demonstram que Congos e Congadas são a mesma dança. Os personagens são os mesmos” (ANDRADE, 1959, p. 37). Os dois possuem reis, rainha e o embaixador, e tratam dos mesmos temas.

Para falar do congado de Cambuquira, parti de uma entrevista feita com o senhor Antônio Lourenço (Toninho Gato), do Terno de Congado de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, e em seguida com alguns congadeiros dos demais ternos da cidade. Os depoimentos recolhidos nessas entrevistas traduziram visões particulares dos processos coletivos, apresentando diversas potencialidades de recuperação principalmente da memória local.

Segundo Antônio Lourenço (Toninho Gato), um dos coordenadores do Terno de Congado de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário de Cambuquira, meu primeiro informante, em entrevista realizada em 2009⁴, a festa do congado na cidade de Cambuquira existe há mais de cem anos, sendo que no começo existiam apenas três grupos de congado:

1º) O congado do Zuza, que recebia uma ajuda do terno de congado do Município de Conceição do Rio Verde, coordenado pelo Senhor Sebastião Muniz.

⁴ Os dados da entrevista se encontram no capítulo 5 na parte Biografia dos entrevistados.

2º) O Congado do Alto da Igreja Nossa Senhora Aparecida, que recebia uma ajuda do terno de congado do Município de Campanha, coordenado pelo Senhor Francisco Muniz⁵, irmão do Sebastião Muniz acima citado.

3º) Existia também o Congado da Rua da Estação, que pertencia ao Senhor Charles. Sobre esse Congado, não encontramos informações.

Conta o Senhor Antônio Lourenço, que os dois irmãos, coordenadores do congado do Zuza e do congado do alto da Igreja Nossa Senhora Aparecida, mantinham uma disputa cerrada entre eles, e que quando se encontravam durante o cortejo dos congados pelas ruas da cidade de Cambuquira, muitas vezes a disputa se acirrava e os toques dos tambores se firmavam em tom de ponto de macumba.

Ao longo do tempo, com o desaparecimento dos ternos de congados citados acima, permaneceram na cidade apenas o terno de congado São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, até então coordenado pelo senhor José Lourenço (Zequinha Gato), pai dos irmãos Antônio Lourenço (Toninho Gato) e Ana Maria Lourenço (Ana Maria Gato) e o terno de congado de Santa Efigênia do senhor Joaquim Silveira Costa (Maestro Biá)⁶. Por muitos anos esses ternos animaram as festas de Nossa Senhora do Rosário.

O Terno de Congado Santa Efigênia foi fundado e organizado pelo senhor Joaquim da Silveira Costa, conhecido por todos como Maestro Biá.

O terno contava com a participação de cinquenta congadeiros. Com a morte do maestro Biá em 01/09/1987, o terno de congado Santa Efigênia fica com a família, com liderança do filho Sidney Celso da Costa (Nén do Biá). À partir desta data até o ano de 2006 a família manteve o terno de congado Santa Efigênia. Hoje o terno já não participa mais das festas do Rosário.

Atualmente, em Cambuquira temos os seguintes ternos de congados:

1. O Terno de Congado São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos irmãos Toninho Gato e Ana Maria Gato é considerado o mais antigo da cidade e parte importante da tradição cultural e histórica de Cambuquira. Segundo o senhor Toninho Gato e sua irmã Ana Maria Gato, o terno de Congado deles existe “há mais de cem anos”, informação que eles nos deram em 2009, ano em que a cidade festejava seus cem anos. Não foi possível verificar esse dado fornecido pelos nossos informantes, já que não há documentos comprobatórios, apenas a história oral.

Essa imprecisão é comum nos relatos orais. Diferente da escrita, a palavra falada pode estabelecer uma fundação radical do Mundo – no caso da minha pesquisa, tenho um relato de fundação do congado. Os relatos sofrem adaptações e modificações mais facilmente que os textos escritos. Os textos orais são desenhados mentalmente no

⁵ Francisco Muniz era dono de um terno de congado no município de Campanha MG, também era tio da senhora Sebastiana Selma Rodrigues (Dª Selma) do Terno de Congado Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

⁶ Joaquim Silveira Costa (Maestro Biá) era dono do Terno de Congado Santa Efigênia e avô de Rosana Maria Rodrigues agora integrante do Terno de Congado São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

pensamento de quem fala e de quem escuta, mas somente a nós, ouvintes, é que cabe a função de entender esses relatos no campo externo e interno.

Sendo assim, os entrevistados falam do passado buscando peças que demonstrem suas presenças na história. “Há uma necessidade íntima em afirmar a veracidade de sua história – fato que lhe garante prestígio – revelando-a como peça de valor para a existência da realidade social.” (GOMES, PEREIRA, 1962, p.181).

Segundo os irmãos entrevistados, “a tradição do Congado está na família há mais de cem anos, vem de geração para geração”. O que explica a fala anterior de Toninho Gato quanto à idade do Congado na cidade.

Com a morte do pai, em 1954, Toninho Gato passou a comandar o Terno de Congado Nossa Senhora do Rosário e São Benedito junto a seu irmão mais velho Cirilo Lourenço (Cirilo Gato), em 1958. Nessa época, sua irmã Ana Maria Lourenço (Ana Maria Gato) era ainda criança.

2. O terno de Congado Mirim de Nossa Senhora do Rosário existe na cidade desde 1997. Foi fundado pela senhora Aparecida de Fátima do Carmo (Dinha do Caé).

Antigamente Dinha do Caé participava do Terno de Congado São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, era ela que costurava as indumentárias e também organizava as meninas dançantes dentro do cortejo. Ao formar o seu terno mirim, Dinha do Caé separa-se deste terno.

Dinha do Caé iniciou o terno mirim com poucas crianças, contava com a participação de seus filhos mais novos. Hoje o seu terno mirim apresenta-se na Festa de Nossa Senhora do Rosário com aproximadamente 35 crianças.

O repertório do terno é composto por músicas antigas do congado da cidade, principalmente do Terno de Congado São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Os instrumentos de percussão utilizados pelos componentes mirins do terno são: caixas, cavaquinho, pandeiro, reco-reco, tarol, afuxé e surdos. A viola não é um instrumento usado no terno mirim por ser desproporcional ao tamanho dos componentes.

3. O Terno de Congado Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, foi fundado no ano de 2006. A maioria dos integrantes deste participava do Terno de Congado São Benedito e Nossa Senhora do Rosário; alguns vieram do Terno Santa Efigênia, que não existe mais. Hoje o terno conta com a participação de mais ou menos 60 componentes.

A frente deste terno está a senhora Sebastiana Selma Rodrigues, por isso o terno é conhecido por “Terno da D^a Selma”. D^a Selma tem na organização do terno sua filha Terezinha Rodrigues Alves Tomaz (Tê), Gilberto Luiz Carneiro, Paulo Roberto da Silva (Zulu) e Antônio Augusto Fidelis (Neném).

No terno, alguns dos componentes fazem parte dos cordões, são dois cordões compostos por homens e mulheres. No centro desses cordões ficam os tocadores com seus instrumentos de percussão.

À frente destes vai a bandeira com a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Ao lado da bandeira, vão duas meninas, as dançantes. Na frente da bandeira vai a imperatriz. D^a Selma e Gilberto também vão ao lado da bandeira.

A figura do capitão do mastro é representada pelo filho do Neném, Antoni Grigor Fidelis. Ele é responsável pelo mastro. Quando inicia a festa ele carrega o mastro até a igreja. Junto com o capitão vão todos os congadeiros do terno.

O mastro do Terno Irmandade de Nossa Senhora do Rosário tem a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

As músicas do terno são músicas antigas de congados passados. Mas, lembrando sempre São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

O município de Cambuquira tem no seu dia-a-dia a religiosidade, por sua vez, os devotos de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário se recolhem nos trabalhos e tarefas diárias, mas o brilho do congado não se apaga na luta dos congadeiros pela sua sobrevivência, isso se encontra claramente na proteção de seus santos devocionais.

Em uma primeira visão o congado, manifestação folclórica, demonstra uma aparência simples, apesar das indumentárias coloridas dos congadeiros que dançam e cantam em homenagem aos seus santos de devoção.

Na festa do congado de Cambuquira notei uma dinâmica religiosa com um poder de incorporar toda sociedade cambuquirense, e ainda, ao longo da pesquisa adquiri experiências riquíssimas que me permitiu compreender a importância da cultura na vida dessas pessoas que são ao mesmo tempo tão simples, mas têm muito a ensinar.

Referências bibliográficas:

GOMES, Núbia P. de M.; PEREIRA, Edmilson de A. *Mundo encaixado: Significação da cultura popular*. Juíz de Fora/ Belo Horizonte: UFJF/ Mazza, 1992.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore nacional: danças, recreação e música*. V.2. 2ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas do Brasil*. 1º TOMO, Oneida Alvarenga (org). Livraria Martins Editora, São Paulo, 1959.